

UMA INVESTIGAÇÃO LINGÜÍSTICA DO ESTILO NO GÊNERO PARÁBOLA

Aliana Georgia Carvalho Cerqueira* &

Vânia Lúcia Menezes Torga**

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias é, em geral, relacionado à didática: mediação da leitura ou ensino por meio da ludicidade. Entretanto, esse recurso milenar de comunicação - que permitiu ao homem a preservação da sua cultura, da sua memória, antes do surgimento da escrita - pode, também, ser um ato de linguagem que requer do interlocutor (ouvinte/leitor) uma atitude responsiva, ao verificarmos, por exemplo, a cultura narrativa de povos da Antiguidade. Os povos antigos utilizavam-se de narrações alegóricas para persuadir, instruir ou corrigir, usavam a linguagem literária para possibilitar mudanças em seus ouvintes. Assim, contar histórias também corresponde a uma estratégia discursiva, que é evidente nas parábolas jesuânias. Não desconsideramos aqui a didática e as demais funções desse gênero - visto que, de acordo com Sant'Anna (2010), a parábola pode desempenhar diversos papéis, principalmente o ensino de verdades morais ou religiosas -, mas nos deteremos no material literário em sua função discursiva que pressupõe uma ação responsiva.

Não obstante, o caráter literário das parábolas serve a fins específicos que não seriam alcançados sem o uso dele. Isto é, percebemos que o material literário da parábola, o processo metafórico viabilizado pela narração, produz uma compreensão e percepção dos leitores/ouvintes que, como conclui Sant'Anna (2010, p. 147-148): “não poderiam ser reduzidos para nossa maneira convencional analítica de comunicar”. Logo, nossa ênfase recai sobre o caráter discursivo da parábola como narrativa literária (contada), pois, além de ser composta a partir de elementos literários, constitui um gênero discursivo reconhecido, visto que nela podem ser identificados os três elementos que compõem o gênero discursivo, apontados por Bakhtin (2011): estrutura composicional, temática e estilo.

Considerando que o discurso requer sempre uma atitude responsiva de quem ouve ou lê (Bakhtin, 2011), objetivamos, com o presente trabalho, delinear a composição estilística do gênero parábola no aspecto relacional entre os atores da comunicação, isto é, considerando a dialogia da linguagem. Para tanto, analisaremos a parábola, tendo em vista seu momento enunciativo, a fim de mostrar traços de seu arcabouço estilístico-discursivo. Desse modo, esperamos contemplar as principais características discursivas, no que tange ao estilo da parábola, à luz do pensamento bakhtiniano.

* Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, na mesma instituição. Bolsista FAPESB-2012/2014. alianageorgia@hotmail.com

** Orientadora. Professora Dra. adjunta do Departamento de Letras e Artes - DLA da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. Mestre e Doutora em Linguística, professora do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações – DLA, na mesma instituição. vtorga@uol.com.br

Ainda encontramos no Brasil poucos trabalhos sobre o gênero supramencionado, principalmente estudos linguísticos que abordam seus aspectos discursivos. No entanto, devido à grande ocorrência desses textos nas obras literárias brasileiras e estrangeiras – de Machado de Assis, Guimarães Rosa, José Saramago e Goethe, por exemplo –, observamos a necessidade do estudo da narrativa bíblica na vertente linguística. Portanto, julgamos relevante uma análise do estilo da parábola, tendo-o como categoria essencial na constituição do discurso, visto que a abordagem aqui desenvolvida poderá contribuir para a compreensão das estratégias discursivas da parábola e, conseqüentemente, sua reafirmação enquanto gênero autêntico, de influência na literatura ocidental e presente no imaginário popular. Trabalhos como esse podem contribuir para a formação de leitores de textos literários e orientar e instrumentalizar alunos, professores e comunidades leitoras de narrativas que, permitindo pensar e agir com a escrita e leitura literárias, instiga-os a abstrair e metaforizar o mundo para nele encontrar algum sentido.

Sobre a metodologia empregada, a proposta de estudo indica uma pesquisa de caráter eminentemente bibliográfico e teve por método de abordagem a fenomenologia dialética de Karel Kosik. Assim, a investigação aponta para a leitura do texto literário (parábola) e do referencial teórico que deram suporte à análise. Nesse sentido, tendo levantado o referencial teórico relacionado, fizemos a leitura da narrativa ficcional *O bom samaritano*, seguida das leituras do referencial teórico-metodológico que sustentaram a investigação e a análise dos dados, através de construção conceitual. No que tange à fenomenologia, considera-se que a compreensão do objeto estudado passa pela compreensão conceitual da realidade investigada e análise dos dados encontrados no *corpus*, como pontua Kosik (2002). Assim, para o entendimento dos fenômenos presentes nos textos ficcionais em análise, recorreremos aos postulados sobre o estilo, os quais segue o enfoque do pensamento de bakhtiniano acerca dos gêneros discursivos; e aos estudos literários sobre a parábola. Fundamentaram o trabalho os estudos de Bailey (1985), Bakhtin (2011), Brait (1997 e 2012), Campos (2005), Eco (2004), Kistemaker (1992) e Sant’anna (2010).

Escolhemos como *corpus* para a nossa análise a parábola *O bom samaritano* por ser uma narrativa conhecida, inclusive por aqueles que não dominam o saber teológico, sendo até comum encontrarmos instituições de caridade e hospitais, por exemplo, usando o nome dessa parábola. Ademais, a parábola mencionada também foi selecionada por apresentar um contexto histórico e bíblico-textual que melhor esclarece a enunciação da narrativa. Logo, nossa escolha busca ser coerente com a proposta de evidenciar os principais traços linguístico-literários e discursivos que formam o gênero discursivo parábola, posto que trata-se de uma narrativa do Novo Testamento bíblico, e, como esclarece Sant’anna (2010), nesse contexto o gênero da parábola mais se desenvolveu e constituiu sua forma literária com características bem definidas. A parábola *O bom samaritano* está incluída no livro (neotestamentário) de Lucas capítulo 10, versos 30 a 35. Usaremos o texto traduzido por Almeida (2010), versão revista e atualizada – RA (2009).

O ESTILO EM BAKHTIN: RECURSOS LINGUÍSTICOS COMO ESTRATÉGIA TEXTUAL

Sabemos que a parábola jesuânica possui diversas características literárias, as quais serão assinaladas mais adiante - como o amimetismo das personagens, do tempo e do espaço, a moral implícita - além de traços discursivos, que a distinguem dos demais gêneros da narrativa breve, como a fábula e o conto.

Outrossim, dentre as diferentes perspectivas que o material linguístico do gênero parabólico nos permite investigar, encontramos no pensamento bakhtiniano sobre o estilo, os pressupostos que podem nortear o estudo dessa narrativa instigante. O conceito de estilo está ligado ao conceito de gêneros do discurso - os tipos relativamente estáveis de enunciados, de acordo com Bakhtin (2011). O uso efetivo da língua dá-se através de enunciados, sejam eles orais ou escritos, ao passo que o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, tanto por seu conteúdo e estilo como por sua construção composicional. Nesse sentido, o estilo corresponde à utilização de determinados recursos linguísticos, fraseológicos, lexicais e gramaticais.

Brait (2012) mostra a circularidade conceitual que envolve a concepção de estilo na obra de Bakhtin – arquitetura, gêneros discursivos, dialogismo. A teoria tradicional do estilo privilegia a subjetividade, a singularidade individual, e, no entanto, embora Bakhtin tenha fundado seu pensamento sobre a linguagem na interação, na relação entre os interlocutores, o estilo para ele associa-se a outros conceitos que apontam para as particularidades e singularidades do enunciado, permeadas pelo caráter social, histórico e cultural da linguagem, cuja relação mostra-se às vezes harmoniosa, outras vezes conflituosa, entre os atores da comunicação.

Assim, o estudo sobre o estilo não se limita à análise linguística. Brait (2012) acrescenta que essa abordagem bakhtiniana tem sua ênfase no dialogismo presente em uma obra, um texto, um enunciado, isto é, o enfoque sob o ângulo dialógico cujas relações pertencem ao campo do discurso. Essas relações entre “a palavra na vida e a palavra na arte” (BRAIT, 2012, p. 82) evidenciam-se no estilo e o estilo constitui-se através dessas mesmas relações.

Portanto, faz-se imprescindível o estudo do estilo para a compreensão do gênero da parábola em sua formação linguístico-discursiva, visto que, como esclarece Brandão (2005), há um vínculo (indissolúvel) entre estilo e gênero, observável sob o enfoque da funcionalidade do gênero em que cada área da atividade e da comunicação humanas tem seu estilo singular. Nas palavras do pensador russo:

Uma dada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis (BAKHTIN, 2011, p. 266).

Nessa perspectiva, tendo as parábolas como narrativa literária a serviço do discurso de confronto e do didático-religioso, analisaremos os recursos linguísticos que permitem que ela exerça tais funções. Como a seleção das características linguísticas e literárias específicas contribuem com determinada funcionalidade, e como essa questão e o contexto de produção das narrativas corroboraram com a configuração do gênero. Para Bakhtin (2011), até mesmo a seleção que o locutor realiza de uma determinada forma gramatical já consiste num ato estilístico. Ademais, além de estar ligado às unidades temáticas, o estilo está vinculado às unidades composicionais: “de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 266).

No que tange à arquitetura da parábola, à sua forma na evidência do seu estilo, uma de suas características fundamentais é a predominância do tipo textual narrativo e sua extensão. Em geral, as parábolas são narrativas extremamente breves. Esse aspecto liga-se ao fato de que pode ser considerada uma *narrativa de segundo grau*, visto que sempre se encontra entretecida no corpo de outra construção discursiva. Como é uma narrativa curta, pode ser contada em diálogos e discursos públicos e, então, estabelecer uma estratégia comunicativa com objetivos definidos. Usada no Novo Testamento para ensinar um princípio ou confrontar comportamentos, ela visava influenciar diretamente seu público receptor. A parábola *O bom samaritano* narrada em sete versículos, é relativamente maior que a maioria das parábolas contadas por Jesus como *A ovelha perdida* que se apresenta em três versículos, ou *Os dois devedores*, em apenas dois versículos. Mas nessa parábola, relativamente maior, ainda permanece marcante a característica de encontrar-se no meio de uma “arena” discursiva.

Há ainda a proposição de estilo como uma estratégia textual. Campos (2005) trabalhou essa categoria dessa forma, tendo como base a perspectiva de Umberto Eco (1994) sobre a leitura como um ato de cooperação no processo de escrita do texto e o pensamento bakhtiniano, que prevê a linguagem como interação.

Nas práticas languageiras há um permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, que existe entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. Assim, o estilo é constituído por esse diálogo e também age como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. Bakhtin (2011) reconhece o papel da língua na constituição do universo signifiante e o papel da literatura enquanto gênero discursivo privilegiado no que diz respeito à representação da complexa natureza dialógica da linguagem. “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.” (BAKHTIN, 1999, p. 113).

No mesmo sentido, Eco (1994) discorre sobre a interação no processo/produto de leitura/escrita. O texto prevê um estilo próprio de leitura e de leitor – o leitor-modelo, ao passo de que as estratégias narrativas, textuais, que são construídas com o estilo de escrita do autor empírico, correspondem ao autor-modelo. As categorias leitor-modelo e autor-modelo não correspondem ao leitor ou autor empírico, mas antes, “Uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar.” (ECO, 2004, p. 15). São estratégias, traços que compõem um determinado estilo de leitura/escrita. Para ler/ouvir um texto literário, como as parábolas jesuânicas, é preciso conhecer as regras que o permeiam, o leitor-modelo é como se fosse alguém capaz de jogar esse jogo. O autor-modelo, por sua vez, é a tentativa de simetria com o leitor-modelo, é a “voz” anônima que inicia a história:

[...] o autor-modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente), que nos quer a seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor modelo (ECO, 2004, p. 21).

Igualmente, a interação autor-texto-leitor reporta-nos às idéias bakhtinianas. Ambos os autores pensam o leitor (ou alocutário) na construção da palavra, do texto. Percebemos, então, a importância das estratégias de leitura/escrita, do estilo, na produção dos sentidos possibilitados pelo

texto, os quais ativam a capacidade de relacionar os discursos produzidos entre o “eu” e o “outro” na reconstrução do social e do individual presentes no texto. Entretanto, quando em nossa análise nos referimos ao autor-modelo e leitor-modelo consideramos o contexto literário do Evangelho de Lucas no qual a parábola apresenta-se, isto é, pensamos nas estratégias discursivas dos interlocutores da própria parábola, a saber: o(s) ouvinte(s) e o narrador Jesus.

Diante do que entendemos por estilo no pensamento bakhtiniano, para conhecer essas estratégias supramencionadas, isto é, o estilo da parábola, não devemos perder de vista a esfera da comunicação em que o gênero se estabeleceu: a cultura judaica, o ambiente sócio-cultural de formação do Novo Testamento, em especial, o Evangelho de Lucas. Sendo assim, é importante considerar o aspecto cultural do Oriente Médio na interpretação das parábolas. Elas foram construídas em meio à cultura do camponês oriental, segundo Bailey (1985). Esse autor fez um estudo cultural e literário das parábolas, do qual recorreremos para compreender os discursos que permeavam a narração da parábola. Nesse aspecto, se formos interpretá-las seguindo tão somente nossa visão cultural ocidental muito de seu sentido se perderá, posto que estilo é também está vinculado à cultura. No estudo das parábolas, devemos considerar, por exemplo, a maneira que o povo judeu sentia, reagia e respondia às parábolas jesuânicas. Em *O bom samaritano*, para captar a experiência do ouvinte no momento da contação da parábola, podemos nos perguntar qual seria o perfil esperado da personagem que iria ajudar o homem desafortunado, e, na perspectiva de Campos (2005), o possível leitor-modelo que corresponderia à configuração dessa personagem.

Seguindo a mesma perspectiva, podemos encontrar no estilo das parábolas jesuânicas a marca de seu autor, toda sua vivência judaica na Palestina antiga, permeada pelas culturas que abundavam o Império Romano na época. Lembramos, especialmente, que “as parábolas são os melhores textos que possuímos para compreender o verdadeiro discurso do Jesus histórico” (TRACY, 1992, p. 95). Logo, podemos falar de um estilo do discurso de Jesus – que era fundamentalmente caracterizado pelo uso de parábolas, bem como do estilo peculiar de suas parábolas.

Todavia, para entendermos mais sobre a parábola convém reportar-nos aos sentidos desde sua origem etimológica, passando pelo pensamento clássico grego até o contexto do Novo Testamento, onde ela desenvolveu a forma que hoje conhecemos.

PARÁBOLA: PERCURSO DE UMA NARRATIVA AMIMÉTICA

No período clássico, com a retórica, a parábola ganhou o significado de comparação, que correspondia a um tipo de literatura que visa estabelecer relações ou apresentar semelhanças entre elementos. Há a ocorrência da parábola na literatura grega, tanto na filosofia como na arte literária. Aristóteles, em sua *Arte Retórica*, apresenta-a como uma espécie de exemplo (um tipo de prova dependente da arte quando se discursa) em que o orador inventa, como as fábulas. Na visão aristotélica, o conceito de parábola remete ao desenvolvimento de um raciocínio através de ilustrações criadas, que podem ser irônicas ou não, para argumentar e persuadir a respeito de um determinado ponto de vista sobre diversos temas.

Etimologicamente, parábola (do grego *parabolé*) é uma narração criada com o fim de transmitir verdades importantes. Sant’Anna (2010) esclarece que o sentido do termo corresponde a “comparar” ou “colocar lado a lado”, pois o termo *parabolé* deriva do verbo *paraballo* (*pará* = lado

a lado e *ballo* = jogar, trazer, colocar). São narrativas breves, de caráter proverbial. Todavia, há uma ampla variação de significados para o termo, os quais não nos deteremos aqui, mas cada forma encontrada foi construída com uma linguagem bem trabalhada e remete a um sentido paralelo o outro, sendo que o conceito é mais amplo na esfera judaico-helenística do que na literatura clássica greco-romana, Sant’anna (2010).

Na teoria literária, em geral, os autores (Wolfgang Kayser, Afrânio Coutinho e outros) remetem ao texto bíblico do Novo Testamento para citar exemplos de parábolas e sinalizam que se trata de um processo narrativo de características peculiares, ainda sem serem exploradas pelos teóricos. Dentre os conceitos abordados pela (ainda restrita) bibliografia encontrada, as características que constituem os pontos em comum são: a parábola é uma narrativa curta, é alegórica em sua totalidade, sua principal função é veicular princípios morais ou religiosos (SANT’ANNA, 2010). Este último ponto pode aproximar a parábola da fábula e do apólogo, mas enquanto na primeira os personagens são humanos, nos últimos são animais e seres inanimados, respectivamente. O que também distingue a parábola dos gêneros supramencionados é a sua estrutura dramática, pressupondo o intento de envolver o público-alvo na história narrada. Esse último traço nos oferece, de acordo com a abordagem bakhtiniana que desenvolvemos, um dos principais veios da formação do estilo da parábola – o aspecto relacional entre os interlocutores.

Quanto ao tipo textual predominante na parábola, temos a narração. Esse possui elementos como fato, personagens, temporalidade, conflito, solução, tempo e espaço em sua estrutura. Os episódios e relatos estão organizados numa disposição tal que entre eles existe sempre uma relação de anterioridade e posterioridade, relação muito pertinente num texto narrativo tradicional, mesmo quando é alterada sua sequência linear. No que tange à parábola como forma narrativa, encontramos além de sua estrutura semio-narrativa e estrutura discursiva, o aspecto que consiste em uma história passível de ser contada, isto é, a parábola constitui uma forma de *épos* – gênero literário que o autor apresenta oralmente para um público a escutá-lo.

Uma das características importantes a serem pontuadas na parábola jesuânica é o amimetismo¹. Esse gênero apresenta as personagens, o tempo e o espaço sem reproduzir ou copiar a realidade dita sensível, de acordo com Sant’anna (2010). Assim, verifica-se que as personagens são apresentadas sem nomes próprios, sem a individualidade marcada por essa distinção, o que gera maior identificação com o público. As personagens são identificadas como lavradores, fazendeiros, juízes, reis, servos, pais, filhos e demais tipos sociais. Logo, é o direcionamento dos elementos composicionais do discurso que delineiam, indiretamente, o perfil tipificado de cada uma.

O espaço é representado, geralmente, sem especificidades de localizações ou qualquer indício de reconhecimento de um lugar específico na realidade extraliterária, e, quando ocorre a menção a locais determinados, trata-se de um recurso artístico para evocar sentimentos adequados à narrativa. Em *O bom samaritano*, aparecem os nomes de duas cidades – Jerusalém e Jericó – ao citar uma estrada perigosa que ligava as duas cidades, e uma alusão à cidade de Samaria, através de uma personagem. O trajeto, uma descida desértica, é conhecido historicamente pelos constantes assaltos que ocorriam ali. Dessa forma, “por causa do estigma de perigo e assombro, a estrada tenha sido escolhida para povoar o imaginário do público da parábola, como um ambiente perfeito para acionar os elementos dramáticos de terror e violência pretendidos pelo autor” (SANT’ANNA, 2010,

¹ Relativo ao termo elucidado por Anatol Rosenfeld (1976), cujas reflexões demonstram a recusa a expressões artísticas da mera reprodução ou cópia da realidade empírica, um contraponto à *mimese*.

p. 187). Logo, o espaço na parábola faz parte do universo imaginário e está inserido no fenômeno da transfiguração do real pelo qual passa toda obra literária.

Por fim, o amimetismo na categoria do tempo é revelado na ausência de perspectivas cronológicas, prospectivas ou retrospectivas, sem correspondências históricas. Analisando a categoria do tempo nas parábolas, baseado no modelo de Weinrich (1968), de perspectiva discursiva no estudo dos tempos verbais, Sant'Anna (2010) comprova a qualidade amimética do discurso parabólico, no qual os tempos verbais estabelecem relações com as situações de comunicação por eles instaladas: a do narrar e a do comentar². Tal característica temporal confere às parábolas certa força alegórica e estabelece uma tensão dialética entre situações comunicativas de relaxamento (através da narração) e de comprometimento (através do comentário), por parte do narrador e do público. Essas duas situações estão bem demarcadas na parábola *O bom samaritano*, por meio das inquirições (do doutor da lei – ouvinte) e respostas-pergunta (de Jesus - orador), como veremos mais adiante.

No caso da parábola *O bom samaritano*, essa característica temporal fica marcada no diálogo que envolve a narrativa. Outras parábolas possuem essa mesma configuração estrutural – apresentar-se no meio de um diálogo, na maioria das vezes, conflituoso. Jesus contou parábolas em diferentes situações, tanto para mostrar um sentido não observado em seu discurso, como para retomar discursos dos seus próprios ouvintes e, assim, ensina-los; como para defender um ponto de vista cujo sentido poucas pessoas poderiam aceitar. Resaltamos que Jesus não foi o primeiro a utilizar esse recurso literário em um discurso expositivo. Os povos orientais costumavam contar parábolas, usar narrativas alegóricas como modo de ensino. O próprio Antigo Testamento contém diversos personagens que utilizavam parábolas como instrumento de persuasão ou argumentação.

Além dessa influência oriental, encontramos também diversos temas de que tratam as parábolas jesuânicas. Elas eram utilizadas em diferentes discursos de Jesus, temas como o perdão, o Reino dos Céus, o amor, perseverança, fim dos tempos, eram tratados por meio de parábolas. Também eram usados variados elementos culturais para formar os enredos dessas narrativas, ambientes domésticos, rurais, urbanos, com pessoas populares, de atividades comuns e conhecidas da época. Logo, podemos falar de um estilo comum a todas as parábolas, de variados conjuntos dessas, e, ainda, do estilo de uma parábola específica. No caso de *O bom samaritano*, vemos a repetição de características comuns a outras narrativas parabólicas e percebemos a inovação, as impressões de uma enunciação que é única, e, portanto, de estilo próprio.

O BOM SAMARITANO: O INTERLOCUTOR NA CONSTRUÇÃO DO ESTILO

Diante do que expusemos até aqui, evidenciamos que nossa proposta inicial de estudar o estilo no aspecto relacional entre os atores da comunicação visa a uma abordagem estilística da

² Weinrich (1968) divide estruturalmente os tempos verbais em dois grupos (I e II), cada um com tempos que apresentam características comuns. No grupo I predomina o tempo presente, relacionado com situações comunicativas de comentário – diálogos, conferências científicas, palestras, e outros gêneros discursivos; e no grupo II predomina o tempo pretérito, relacionado com situações comunicativas de narração. Assim, o autor conceitua os tempos do grupo I como *tempos do mundo narrado* ou *tempos da narração*, e os tempos do grupo II são *tempos do mundo comentado* ou *tempos de comentar*. Importante para a questão das parábolas é, inclusive, saber que a situação narrativa tem como característica o desencadeamento da atitude de relaxamento e a situação não narrativa instaura uma tensão, uma atitude de comprometimento no discurso.

parábola. Nesse sentido, analisamos que tipo de relacionamento do orador (narrador da parábola) com o público (ouvintes) direcionou as escolhas linguísticas do gênero e, como o contexto - o momento enunciativo e o aspecto relacional entre os interlocutores definiram o estilo da parábola jesuânica.

Considerando o contexto em que Jesus conta a parábola *O bom samaritano*, notamos o aspecto relacional que pode haver direcionado o estilo dessa narrativa. Em uma de suas viagens, a caminho de Jerusalém, Jesus foi questionado por um intérprete (doutor) da lei, um estudioso das Escrituras do Velho Testamento e da Lei Oral (que correspondia à tradição religiosa). Ele perguntou o que deveria fazer para herdar a vida eterna (na cultura judaica, quem cumprisse a lei, a Torá, herdaria a vida neste mundo e no vindouro). Kistemaker (1992) assinala que o estudioso com essa indagação queria testar Jesus, ouvir sua explicação de como obter a vida perfeita em todos os sentidos, visto que, ele mesmo não era ignorante no tema. E, ainda, reconheceu a autoridade de Jesus no assunto, levantou-se e chamou-o de “mestre”. Sabe-se que como costume, no Oriente Médio o aluno sempre se levantava para dirigir-se ao professor, em respeito e cortesia. Segundo Bailey (1985), ele age dessa forma para indicar que Jesus era ao menos igual a ele. No entanto, não obteve uma resposta como esperava.

Notamos que a partir daí instaura-se a tensão no veio discursivo, nas relações entre os interlocutores. Tanto pela utilização dos elementos linguísticos como pela relação de simetria/assimetria que se estabelece no diálogo, a qual descrevemos mais adiante. É nessa tensão discursiva que Jesus utiliza a parábola nesse diálogo, é por conhecer o tom de seu interlocutor que ele responde com uma narrativa literária. Quanto ao linguístico, destacamos em seu discurso a alternância entre os verbos de *tempo do mundo comentado* e os de *tempo do mundo narrado*. Esse último é predominante na parábola narrada, mas no diálogo é abundante a ocorrência do primeiro grupo de verbos proposto por Weinrich (1968), justamente aqueles verbos que desencadeiam uma tensão, um comprometimento, segundo o autor. Notamos melhor essas características estilísticas quando observamos o aspecto formal do discurso, no qual a parábola é inserida, indicado por Bailey (1985). O diálogo fica dividido em dois momentos-chave:

Primeiro tempo: Um doutor da lei levantou-se para testá-lo e disse:

(1) Doutor: (Pergunta 1) ‘Que preciso fazer para herdar a vida eterna?’

(2) Jesus: (Pergunta 2) ‘Que diz a lei?’

(3) Doutor: (Resposta 2) ‘Amarás a Deus e a teu próximo.’

(4) Jesus: (Resposta 1) ‘Faze isto e viverás.’

Segundo tempo: Ele (o doutor da lei), desejando justificar-se, disse:

(5) Doutor: (Pergunta 3) ‘Quem é o meu próximo?’

(6) Jesus: (Pergunta 4) ‘Um certo homem descia de Jerusalém...’
‘Qual destes três se tornou o próximo?’

(7) Doutor: (Resposta a 4) ‘Aquele que demonstrou misericórdia para com ele.’

(8) Jesus: (Resposta a 3) ‘Vai e continua fazendo da mesma forma.’ (BAILEY, 1985, p 76).

Nessa perspectiva, Sant’Anna (2010), ao realizar um estudo da parábola *O bom samaritano* à luz da Análise do Discurso, esclarece que, através da instalação do gênero dialético, em que uma

estrutura conversacional entre um doutor da lei e Jesus é mediada por uma parábola, subverte-se a visão de mundo, de posicionamento ético, propondo-se que as verdadeiras necessidades do ser humano devem ser o cerne das preocupações pessoais e institucionais. No texto há mudança do curso da enunciação, comprovam-se a existência de uma inter-relação entre os conceitos de subversão de gêneros, cenografia e posicionamento.

Desse modo, entendemos que por haver em todo instante um redirecionamento enunciativo – ao invés de responder à proposição do doutor da lei, Jesus lança outra pergunta –, o estilo da parábola configura-se na relação assimétrica - o não previsto pelo interlocutor. O autor-modelo na abertura do diálogo propõe uma relação simétrica, mas o leitor-modelo coloca-se assimetricamente. Nessa relação, temos na narrativa a tensão instaurada entre Jesus e seus ouvintes: “Muitas vezes o seu auditório é composto de seus inimigos teológicos, e desta forma um conflito intenso é a tônica da representação.” (BAILEY, 1985, p. 16). Mas, Jesus foi abordado pelo doutor da lei com uma interrogação tendenciosa, no entanto, ao invés de cair na armadilha de levantar uma controvérsia, o narrador de Nazaré suscitou a sua resposta vinda do próprio interrogador. No primeiro momento, a solução é mais direta, como lemos no diálogo que antecede a narração da parábola:

‘Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?’
‘O que está escrito na Lei?’, respondeu Jesus. ‘Como você a lê?’
Ele respondeu: ‘Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento’
e ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’.
Disse Jesus: ‘Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá’.
(LUCAS 10: 25-28)

Mas, como o confronto inicial do doutor da lei não operou como previsto, ou seja, ele não foi persuadido com uma perspectiva que extrapolasse o que ele mesmo já considerava, esse estudioso lança uma réplica: “Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’” (Lucas 10: 29). A tréplica de Jesus, por sua vez, advém através da parábola e depois, outra pergunta, como podemos notar:

Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto.
Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado.
E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado.
Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele.
Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele.
No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: ‘Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver’
‘Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?’ (LUCAS, 10: 30-36 – grifo nosso).

Vemos que o estilo da parábola também se verifica nos elementos literários utilizados que se prestam à construção discursiva. O estilo dessa parábola, em especial, mostra-se um pouco diferente de outras parábolas: tanto com relação ao amimetismo do espaço como ao amimetismo da personagem: indica-se o local em que se passa a história e uma das personagens é um homem natural de Samaria. No entanto, esses detalhes no enredo foram pensados no intento de confrontar a possível opinião que o doutor da lei defendia e que tinha interesse em discutir. Começando pela personagem, ainda sem identificação, mas que sua caracterização tem papel fundamental nessa parábola: o homem assaltado. De acordo com Bailey (1985) “A condição do viajante ferido não é um incidente apenas curioso” (p. 85).

Desse modo, ao perguntar “quem é o meu próximo?” o doutor da lei trouxe à tona um ponto da lei oral em que não havia consenso entre os estudiosos da época. O “próximo”, era basicamente, aquele que fazia parte de seus “iguais” na tradição religiosa e na nacionalidade. As personagens foram, então, construídas para problematizar a questão. Na época, a Palestina continha um grande número de comunidades étnico-religiosas que usavam diferentes línguas e dialetos e tinham costumes próprios. Para identificar um desconhecido, bastava ouvir sua maneira de falar ou seu modo de vestir. Como o homem representado na parábola ficou inconsciente “meio morto” após sofrer o assalto, não havia como um viajante identificá-lo como um compatriota judeu por sua fala, nem por suas roupas, pois os ladrões haviam “lhe tirado a roupa”. O ouvinte se pergunta, então, se aquele desconhecido é alguém passível de receber sua ajuda, quem o ajudará?

Novamente a assimetria entre “eu” e o “outro”: justamente um samaritano é quem se compadece do assaltado. Os samaritanos eram odiados por quem pertencia ao grupo étnico judaico por não serem considerados “racialmente puros”, pois eram miscigenados. Por isso houve quebra na expectativa. Além do mais, após terem passado duas figuras judaicas - sacerdote e o levita-, o público esperava o aparecimento de um judeu leigo. Era comum que essas três classes de pessoas que oficiavam no templo em Jerusalém fizessem o trajeto descrito na parábola – descessem de Jerusalém para Jericó relativamente durante o mesmo período.

Ademais, se a história fosse de um judeu nobre ajudando um samaritano teria sido absorvida com mais facilidade. Bailey (1985) acrescenta que para entendermos a coragem e ousadia dessa parábola basta imaginarmos alguém contando a história de um herói israelense aos palestinos árabes. Noutro ponto, a personagem samaritana, que também seguia a Torá, teve uma atitude moralmente superior aos líderes religiosos ouvintes, porque era menos provável que o ferido fosse compatriota do samaritano do que do sacerdote ou levita. Dessa maneira, “a parábola é um ataque mortal contra os preceitos comunais e raciais.” (BAILEY, 1985, p. 101.).

Nessa situação, o doutor da lei pode apenas dar uma resposta prevista no autor-modelo da parábola e assimétrica para seu próprio discurso, concluindo que o próximo do homem assaltado foi, justamente, a classe de pessoas que ele não considerava como próximo: “Aquele que teve misericórdia dele”. Ao que Jesus conclui seu discurso com a indicação: “Vá e faça o mesmo.” (LUCAS, 10: 37).

Vemos, pois, que o estilo da parábola *O bom samaritano* apresenta uma dimensão particular do momento enunciativo, mas também o caráter social, histórico e cultural fica evidente nos elementos narrativos representando personalidades, lugares e códigos morais comuns na sociedade pelesinense judaica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado, através da perspectiva bakhtiniana de estilo, da linguagem como interação entre os interlocutores e do estudo literário-cultural das parábolas, permitiu a verificação do quanto nas instâncias de produção do discurso – estratégias textuais, influenciam a construção do estilo da parábola.

Considerando as estratégias textuais, as relações assimétricas entre o ouvinte e o orador, na constituição discursiva de *O bom samaritano*, notamos a nuance estilística empregada na narrativa literária. Constatamos que a parábola jesuânica analisada traduz o estilo de uma narrativa configurado na tensão discursiva do diálogo. Ademais, usa recursos linguísticos e elementos literários presentes na cultura oriental judaica, como características de um espaço e de personalidades da época, na formação de um estilo que se aproxima do interlocutor, no caso da parábola supramencionada, os estudiosos e líderes do judaísmo.

A investigação não se encerra na proposta que foi desenvolvida, mas abre caminhos para pesquisas das contribuições de Bakhtin à Linguística, mais especificamente, sua abordagem dialógica à área da Estilística. Ademais, evidenciamos o quanto uma narrativa aparentemente simples expressa significados na sua representabilidade literária a partir de um estilo habitual ao gênero que pertence – a parábola –, bem como a partir de um estilo próprio de seu autor e do grupo social ao qual ele pertencia.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, Kenneth E. *A poesia e o camponês: uma análise literária-cultural das parábolas em Lucas*. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Nova Vida, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. revista e atualizada no Brasil. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: Dialogismo e construção do sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.
- BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Estilo, gêneros do discurso e implicações didáticas*. Salvador, 2005. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/brand003.pdf>>. Acesso em: 12 jun 2012.
- CAMPOS, Edson N. Texto e interação: o estilo – estratégia textual. In.: PERES, Ana Maria C. et. al. (orgs.) *O estilo na contemporaneidade*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Trad. Feist, Hildegard. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. Cancian, Attílio. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2002.

KISTEMAKER, Simon J. *As parábolas de Jesus*. Trad. Eunice Pereira de Souza. São Paulo: Presbiteriana, 1992.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Trad. Neves, Célia e Toríbio, Alderico. 6ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

SANT'ANNA, Marco Antônio D. *O gênero da parábola*. São Paulo: UNESP, 2010.

TRACY, David. Metáfora da religião: o caso dos textos cristãos. In.: SACKS, Sheldon. (org.) *Da metáfora*. São Paulo: Pontes, 1992.

WEINRICH, Harald. *Estructura e función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid: Gredos, 1968.